

OMNIA

SAÚDE

SEI, Maíra Bonafé; GOMES, Isabel Cristina. Demandas por atendimento psicológico e a transmissão psíquica transgerracional. *Omnia Saúde*, v.8, n.1, p.26-35, 2011.

Recebido em: 19/08/2012

Revisado em: 10/09/2012

Aceito em: 24/10/2012

DEMANDAS POR ATENDIMENTO PSICOLÓGICO E A TRANSMISSÃO PSÍQUICA TRANSGERACIONAL

DEMANDS FOR PSYCHOLOGICAL ASSISTANCE AND THE TRANSGENERATIONAL PSYCHIC TRANSMISSION

Maíra Bonafé Sei

Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Clínica – IP-USP

Isabel Cristina Gomes

Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Social – IP-USP, Professora Titular IP-USP

RESUMO

Objetiva-se discutir as demandas por atendimento psicológico focalizando o paciente identificado e sua inserção na família, bem como a influência da transmissão psíquica transgeracional na formação dos sintomas. São apresentadas reflexões teóricas ilustradas com material advindo do atendimento de um adolescente realizado em uma clínica-escola de psicologia. Foram conduzidas entrevistas com o casal e uma sessão foi realizada com o adolescente quando foi aplicada a técnica do desenho-livre. Com base no material clínico, considerou-se o adolescente como depositário de uma dinâmica conjugal e familiar comprometida, sobrecarregado de projeções dos pais. A quebra das expectativas nele depositadas e a percepção de que os problemas conjugais estariam implicados nos sintomas do filho justificam proposta de intervenção psicológica com o casal e/ou família, encaminhamento entendido como indicado não apenas neste caso, como também naqueles com dinâmicas similares.

Palavras-chave: Família, Psicanálise, Transmissão psíquica entre gerações

SUMMARY

This article aims to discuss the demands for psychological assistance focusing on the identified patient and their insertion in the family, as well as the influence of transgenerational psychic transmission in the formation of symptoms. We present theoretical reflections illustrated with material from the attendance of a teenager done in a university psychological service. Interviews were conducted with the couple and a session with the teenager was held when it was applied the free drawing technique. Based on clinical material, it was considered the teenager as a depository for a compromised marriage and family dynamics, overwhelmed by parental projections. The breaking of the expectations placed in him and the perception that marital problems are implicated in the symptoms of the son justify a proposal of psychological intervention with the couple and/or family, seen as referral indicated not only in this case, as well as for those with similar dynamics.

Keywords: Family, Psychoanalysis, Psychic transmission between generations

INTRODUÇÃO

A procura por uma ajuda psicológica nem sempre se mostra como algo simples de ser efetuada, principalmente quando focamos a demanda de pais sobre os filhos. Frequentemente as pessoas postergam a busca por um psicólogo, até que a situação ocasione um intenso sofrimento ou desperte uma crise. Mobilizados por essa angústia se veem frente a frente ao profissional. Invariavelmente buscam respostas, soluções para o mal estar atual. Se forem pais, muitas vezes o filho é o depositário da doença familiar ou dos conflitos conjugais (GOMES, 2007). Portanto, para alguns terapeutas de família, quando um casal busca atendimento para um (s) filho (s) é importante que o profissional se questione quem deve ser o paciente (RAMOS, 1992; GOMES, 2011).

É sobre este tema que desejamos nos deter ao longo deste texto. Objetivamos também discorrer sobre a transmissão psíquica transgeracional, discussão exemplificada por material clínico coletado em uma clínica-escola de psicologia ligada a uma universidade pública. De acordo com Magalhães e Féres-Carneiro (2004, p. 252), “a investigação da transmissão psíquico-geracional pode ser valiosa para a compreensão de como o sujeito contemporâneo está metabolizando o que lhe é legado e como essa metabolização está atuando nos processos de subjetivação”. Almejamos fomentar a ampliação do olhar do psicólogo acerca das questões envolvidas no pedido por ajuda psicológica, de maneira que este possa contemplar elementos da dinâmica familiar e transmissão psíquica geracional, seja diante da opção por atendimento individual, seja nas situações em que o atendimento do casal ou família se faz possível.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, com apresentação e discussão, a partir do referencial psicanalítico, de material advindo de um caso clínico atendido em uma clínica-escola de psicologia. Compreendemos que a reflexão teórica somada à singularidade de cada caso clínico traz sempre uma ampliação do conhecimento, com enriquecimento dos modelos e expansão do conhecimento psicanalítico, aspecto que justifica este estudo (SAFRA, 1993).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O caso clínico

Os pais de Armando procuram a clínica-escola de psicologia de uma universidade pública em decorrência da agressividade manifestada pelo jovem no ambiente familiar. Foram feitas três entrevistas iniciais com o casal nas quais foram abordados os seguintes aspectos: queixas relacionadas ao filho, história do casal e constituição da família atual, além de dados das famílias de origem de cada um dos cônjuges. Após estas entrevistas, foi realizado um encontro com o adolescente, quando foi proposta a realização do desenho livre.

Armando estava com 15 anos de idade quando a busca pelo atendimento ocorreu. Os pais informaram que a agressividade, queixa que gerou a demanda pelo atendimento psicológico, era direcionada a todos os familiares: pai, mãe e irmão caçula. Além deste comportamento, outros foram citados, sem, contudo, serem efetivamente localizados como queixa. Foram abordadas as dificuldades no âmbito escolar e para fazer amizades, devido à timidez, e seu anseio por comer muito, algo visto como sua atividade favorita. Ademais, foi mencionado que o adolescente gostava de brincar com seu irmão e colegas, significativamente mais novos.

A referida agressividade se iniciou quando estava na 3ª série do ensino fundamental. Neste período seus colegas de classe começaram a chamá-lo de “burro” e “gordo” e ele, irritado, acabava por reagir agressivamente a esses comentários. De acordo com os pais esta agressividade havia se agravado há dois anos, mas não chegaram a explicitar o porquê disto. Estes fatos não foram confirmados na entrevista com o jovem, que pontuou que não reagia às provocações. Tinha um comportamento de retornar aos colegas aquilo que eles lhe diziam.

Quanto à história de vida de Armando, a mãe mencionou que ele sempre foi um bebê tranquilo, descrevendo-o até mesmo como uma criança triste, que não ria muito e que melhorara com o passar do tempo. Com relação ao desenvolvimento físico e psicomotor, demorou em falar e andar; foi alimentado na boca por muito tempo.

Em uma das entrevistas com o casal, o marido expôs sua história familiar: perdera a mãe muito cedo e foi criado por um pai muito agressivo e exigente que, sabendo da gravidez da namorada do filho, não permitiu que fossem viver juntos, inclusive com desconfianças sobre a paternidade do bebê que estava por vir. Queria que o filho continuasse os estudos, não aceitando como nora alguém de nível socioeconômico inferior ao seu. A esposa confirmou a descrição do marido e sinalizou que nunca conseguiu ter maior aproximação com o sogro. Comentou também sobre sua percepção acerca de certa exigência e agressividade do sogro no trato com o neto mais velho.

Até os 8 anos de idade Armando viveu com a mãe, na casa dos avós maternos, dormindo ambos na mesma cama, numa convivência esporádica com o pai. A mãe disse que saía bastante para passear com o filho, sendo que até a idade de 3 anos do menino, o pai nunca os via. Posteriormente, o casal começou a se reencontrar e começaram, então, a sair os três. Nestas ocasiões eles sempre brigavam e pai e filho não chegavam a sair sozinhos.

Quando o casal foi, enfim, morar junto, as brigas se tornaram diárias e o menino passou de alguém calmo para uma criança agressiva. Além disso, começou a ser muito mais cobrado por seu pai, que exigia que ele emagrecesse e estudasse mais. Com o nascimento do irmão mais novo, demonstrou ter muito ciúme, uma vez que seu pai dava mais atenção ao filho menor, fato que contribuiu para que o rapaz se tornasse agressivo com o irmão.

De acordo com a narrativa dos pais, as dificuldades nos relacionamentos entre os membros da família foram abrandadas após a ida da mãe à igreja levando junto os dois filhos, apesar de o pai mencionar que o mais velho não gostava de ir. Comentaram que o adolescente havia melhorado em termos de disciplina, mas que continuava ainda muito desligado e displicente.

A entrada de Armando na escola se deu de forma tranquila, aos 7 anos. Advertiram que ele nunca foi um ótimo aluno, mas também nunca havia ocasionado problemas. Por ocasião do atendimento, apresentava algumas dificuldades. Estava mais disperso, com colegas caçoando dele. O garoto relatava que estes o atacavam, contudo ele também acabava por apresentar comportamentos tidos como antissociais, tais como pegar o lanche de outras crianças e escondê-lo.

Possuía um número restrito de amigos, composto por um colega da vizinhança com quem jogava videogame e nenhum em sua escola. A maioria destes morava na praia, onde seu avô paterno tinha uma casa. Gostava de brincar com seu irmão e seus companheiros pequenos e preferia muitas vezes ficar com estes em brincadeiras mais infantis do que fazer atividades

mais condizentes com sua idade.

Com as pessoas apresentava-se tímido, não fazia amizade nem conversava facilmente, com problemas inclusive em cumprimentar conhecidos. Entretanto, fora de casa, mostrava-se mais solto e parecia ser outra pessoa, de acordo com relatos da família. Nos demais contextos, Armando apresentava comportamentos próprios a sua faixa etária, como beber uma vez escondido, ter vergonha, junto a seus colegas de escola, por não possuir muito dinheiro, ou mesmo ser visto naquele local acompanhado de sua mãe.

Na sessão realizada com o adolescente, este manifestou conhecer o motivo pelo qual seus pais procuraram a clínica psicológica. Mostrou-se descontente com os desentendimentos com seu irmão, incluindo brigas físicas, considerando-o “mimado”. Em sua visão, havia um tratamento desigual do pai para com os filhos, que privilegiava sempre o mais novo. Também apontava o descontentamento quanto ao tratamento dado pelo avô paterno às demandas maternas para que ele estudasse, sem permitir-lhe fazer o que desejasse. Armando aludiu que a agressividade na relação com seu pai tinha como ponto de partida o comportamento paterno, sem partir de ações do adolescente. Além disso, indicou que esta ocorria em contextos de “brincadeira”. Os castigos que recebia, segundo ele, não eram físicos.

Além da conversa com o jovem, também propusemos a realização do desenho livre, com o cuidado de não fazer associação com avaliações de qualquer espécie, com o intuito de evitar uma situação causadora de ansiedade. O adolescente aceitou facilmente a proposta de desenhar e começou a conversar espontaneamente após o início do desenho. Demonstrou cuidado e preocupação na execução do mesmo. Escolheu representar um “mercenário”, tendo desenhado com zelo e capricho. Apagou e redesenhou o chapéu que optou, ao final, por apagar definitivamente. Deu continuidade ao cabelo e às mãos do personagem e demorou cerca de 20 minutos para terminá-lo. Ele não elaborou uma história acerca da figura, apenas indicou que se tratava de um personagem como aqueles presentes nos filmes da televisão. Além disso, optou por não utilizar os lápis de cor e depois revelou que não sabia misturar bem as cores, assim como não sabia fazer sombras e a “dobradura das roupas” direito.

Um dos aspectos mais marcantes do desenho configurou-se na agressividade manifesta por meio de armas em ambas as mãos do personagem. Armando comentou durante a execução que a primeira mão (mão direita do personagem) que desenhara não havia ficado “boa”. Apagou-a e redesenhou-a algumas vezes, até decidir colocar uma faca/espada em seu lugar. Já a outra mão foi desenhada somente uma vez, com representação, em seguida, da segunda arma. Outro aspecto interessante foi o rosto coberto por um lenço e os olhos por óculos escuros, além do corpo do personagem também se apresentar inteiramente coberto por um casaco longo.

Após esta sessão com o adolescente, ocorreram duas faltas sem aviso. Quando entramos em contato com a família, inicialmente a mãe relatou que o filho não queria ir mais, e, frente à insistência por conversarmos pessoalmente com o adolescente, visando maiores esclarecimentos, não compareceram novamente ao horário marcado. Em contato telefônico posterior a mãe acabou “confessando” que o casal estava novamente em crise, brigando muito, reconhecendo que o maior problema eram eles e que, o marido se recusava a retomar os atendimentos.

Considerações sobre a transmissão psíquica transgeracional

Antes de se refletir sobre a dinâmica familiar implicada na busca pelo referido atendimento é importante caracterizar teoricamente o que se entende por família, suas características e fenômenos implicados nas relações estabelecidas em seu interior. Neste sentido, considera-se família como um grupo composto por indivíduos ligados através de laços de parentesco ou aliança, formado a partir do vínculo do casal, que se constitui como o caráter fundador da família e seguido pelo nascimento da criança (EIGUER, 1998). De acordo com Correa (2000), a família é “um grupo com características singulares e plurais, que reúnem elementos de continuidade e contigüidade e incluem laços de aliança, filiação e fraternidade” (p. 35).

Sua função liga-se à articulação de seus membros no conjunto social e também de perpetuação para além da morte de seus integrantes (ANDRÉ-FUSTIER; AUBERTEL, 1998). A família articula diferentes pessoas e gerações, com desenvolvimento da herança genealógica por meio da transmissão psíquica que ocorre no espaço familiar (CORREA, 1999; GRANJON, 2000). Com isso, mecanismos de identificação permeiam os indivíduos que fazem parte do grupo familiar, que se constitui como um espaço de circulação da transmissão psíquica geracional (CORREA, 2007). A última se configura como um fenômeno relacionado aos elementos da realidade psíquica transportados, deslocados ou transferidos entre ou através de um indivíduo a outro ou nos vínculos do conjunto, podendo-se pensar, então, nas configurações de objetos psíquicos transmitidos de um espaço psíquico a outro (KAËS, 1998).

Os objetos de transmissão são usualmente marcados pelo “negativo”, de maneira que se transmitem aspectos não contidos e não lembrados. Contudo, “o que se transmite não é só o negativo, é também aquilo que ampara e assegura as continuidades narcísicas, a manutenção dos *vínculos intersubjetivos*, a conservação das formas e dos processos de conservação e de complexidade da vida” (KAËS, 1998, p. 9).

Duas diferentes modalidades de transmissão psíquica podem ser definidas: a intergeracional e a transgeracional. A primeira, a transmissão psíquica intergeracional, relaciona-se aos aspectos psíquicos metabolizados e transmitidos à geração seguinte, que percorrem “o tecido relacional intragrupal e as relações objetais, constituindo a herança ‘positiva’ da filiação. Esta atravessa os vínculos intrassubjetivos familiares em que se inscrevem os processos de identificação, delimitando um reservatório fantasmático familiar” (CORREA, 2000, p. 98).

A segunda forma, a transgeracional, configura-se como um tipo de transmissão de aspectos psíquicos que não apresentam possibilidades de simbolização, caracterizados pelo não revelado (CORREA, 2000). Na transmissão psíquica geracional, de acordo com Garcia e Penna (2010, p. 77),

a vivência traumática não elaborada fica enquistada, encriptada no mundo interno do sujeito, paralisando-o e condenando-o à denegação, à clivagem e à repetição, ou seja, a inscrição de uma presença ausente, impossível nos casos de transmissão transgeracional, não se deu, impedindo a criação de estruturas necessárias para o estabelecimento de distâncias e de diferenças entre gerações. O destino é a repetição e a ocupação permanente do sujeito pelo objeto intrusivo.

Entendemos ser necessário um trabalho psicoterapêutico que possa contemplar estes aspectos obscuros, não elaborados, de maneira a interromper a repetição de vivências geração após geração. Para tanto, consideramos que o tema ora discutido é de grande importância na clínica

psicológica. Em consonância com nossa compreensão, pudemos perceber uma ampliação no número de estudos que versam sobre a temática da transmissão psíquica, articulando-a à clínica de famílias e casais (ALMEIDA, 2010; ALMEIDA et al 2009; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2005; GOMES, 2007; GOMES; ZANETTI, 2009; TRACHTENBERG et al., 2005). Neste sentido, acreditamos que a terapia familiar psicanalítica se configura como um espaço que favorece a expressão e comunicação entre seus membros. Angústias e sofrimentos da ordem do não dito podem ser compartilhados, algo difícil de se estabelecer naturalmente (EIGUER, 2006).

Por outro lado, o conhecimento relativo às heranças psíquicas pode também contribuir para o trabalho no campo da psicoterapia individual. Autores que seguem esta linha sinalizam que “boa parte do montante representacional e afetivo da família é introjetado no psiquismo de seus componentes a partir das relações parental e ancestral, com sua carga construtiva e destrutiva” (ALMEIDA, 2008, p. 227).

Os aspectos não metabolizados da transmissão psíquica podem gerar enfermidades na família, depositadas usualmente em algum membro específico, às vezes a criança, o adolescente ou o membro que desenvolve um transtorno mental mais severo. A busca pelo atendimento é decorrente do olhar para este familiar, sendo necessário o profissional retirar este foco sobre o paciente identificado para englobar a família como um todo (RAMOS, 1992).

No caso do atendimento de crianças e adolescentes, apesar de recair sobre estes o lugar de doente, não necessariamente a proposta terapêutica deve se direcionar para os mesmos. Como exemplo, Fibe et al (2005) discutem a sintomatologia dos filhos relacionada à imaturidade do casal parental. Contudo, é importante o cuidado no momento da devolutiva, de maneira a não suscitar maiores resistências quanto às considerações acerca do caso (GOMES, 1998, 2003). Magalhães (2009) aponta que pesquisas recentes em serviços-escolas universitárias enfatizam a avaliação de todo o grupo familiar como uma forma de evidenciar e reforçar essa demanda por atendimento às famílias. Temos, então, um movimento em prol desta prática apesar dos encaminhamentos para intervenções direcionadas ao casal ou à família ainda se configurarem como escassas, principalmente do ponto de vista da clínica institucional.

Reflexões a partir do caso clínico

Iniciamos a articulação teórico-clínica com a questão de porque só aos 15 anos o adolescente mobiliza os pais a buscarem atendimento. Parece que a passagem de um corpo infantil para um de adulto, contendo uma sexualidade agora mais próxima da identidade masculina mobiliza o adolescente e toda sua família, em especial seu próprio pai, já que traz à tona uma identificação com a adolescência e juventude, seu início de experimentação sexual genital culminando com a parentalidade de Armando.

O adolescente, desde sua concepção, foi sempre marcado por uma impossibilidade da família em idealizá-lo. Sua chegada precoce impede que seu pai preencha plenamente as expectativas que o avô paterno depositava sobre o único filho. Este último, fragilizado em sua ascensão à sexualidade e identidade adulta e de pai, permanece passivamente sob o domínio tirânico do próprio pai por alguns anos. Armando também representa a não possibilidade de união do jovem casal e evoca o abandono vivido pela mãe e por ele próprio frente à ausência do pai. Por outro lado, estabelece uma relação edípica com a mãe sem a presença paterna para interdição. Quando o casal reata, cabe a ele lembrá-los do passado traumático e ressentir-se em perder o lugar de parceiro único da mãe.

Os conflitos conjugais, muito antes do casal se constituir numa família, já eram permeados por questões que envolviam o paciente. Portanto, não é surpreendente a ambivalência dos pais perante o atendimento de Armando, resultando na interrupção do mesmo na medida em que falar dos sintomas do filho é novamente trazer à tona mágoas presentes e passadas que permearam a formação e manutenção desse casal.

Retomando a história do pai com o avô paterno, é possível evidenciar como ocorreu uma repetição de padrões intergeracionais (CORREA, 2000). O pai fora criado por um pai agressivo e para se ver como homem, possivelmente sentiu a necessidade de se identificar com o modelo de “masculino” que ele representava. Uma vez casado, acabou por assumir a identificação completa com a figura paterna agressiva. Contudo, só consegue se desvincular da “condição” de filho para assumir a completa identidade de pai com o segundo filho. A relação com Armando é sempre permeada de cobranças e agressividade, pois ela denota sua fraqueza enquanto homem e pai. Armando, por sua vez, representa no desenho um anti-herói, um mercenário, aquele que desafia pela força e agressividade as regras e leis vigentes, ou seja, tudo o que seu pai não pôde ser e fazer – enquanto coragem para enfrentar o próprio pai – quando de seu nascimento.

O adolescente mostra-se o depositário de uma dinâmica familiar comprometida (RAMOS, 1992), reverberando a separação e a união, por obrigação, do casamento vivido pelos pais, o que, conseqüentemente, colocava-o num lugar aprisionante, de repetição do passado. Em contraposição, havia o lugar ocupado pelo irmão mais novo, representante da reparação do casal e por esse motivo preferido pelo pai, o que intensificava o ciúme fraterno. Essa cisão fantasiosa do grupo familiar, ou seja, o reconhecimento da “família feliz” composta pelo casal e filho caçula poderia explicar a tendência regressiva de Armando, expressa em sua preferência por brincadeiras e relacionamentos com os amigos do irmão, numa tentativa de preencher os abandonos vividos em etapas primitivas de seu desenvolvimento.

Essa dinâmica funcionava como um modo de defesa da família e dessa maneira, o adolescente acabava por não ocupar um lugar próprio dentro desse grupo, vendo-se sobrecarregado por expectativas e projeções por parte de ambos os pais e enredado à determinação do legado geracional. Nesse sentido, acreditamos ter havido um sentimento de ser aceito e acolhido na situação terapêutica, em oposição ao que ocorria no contexto familiar, sendo que para reforçar essa hipótese pode-se evocar o capricho aplicado ao desenho. Porém, a busca por um espaço seu e uma identidade assumida de forma mais livre do narcisismo parental, carrega o peso de denunciar o pacto denegativo estabelecido entre os pais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este caso exemplifica a necessidade de uma proposta interventiva com os demais integrantes do grupo familiar de maneira a se deslocar a queixa do filho, tido como paciente identificado, para o casal ou família. Como percebido, o encaminhamento para uma psicoterapia de casal ou família com deslocamento da queixa inicial a comportamentos e/ou sintomas da criança ou do adolescente – como o paciente identificado - nem sempre se configura como uma proposta fácil de ser realizada, pois na maioria das vezes o material recalcado relaciona-se ao legado transgeracional. Esta tarefa implica em um diferente posicionamento dos integrantes da família, na medida em que o sintoma passa a circular em todo o grupo promovendo a possibilidade de se transformar os não-ditos e, desse modo, se construir uma nova história.

Pensamos ser importante que, especialmente, os profissionais que recebem os encaminhamentos de crianças e adolescentes, mais suscetíveis a apresentarem sintomas diversos ocasionados por disfunções na dinâmica familiar, estejam cientes da possibilidade de tal funcionamento, buscando cuidadosamente sensibilizar a família para atendimentos que não se restrinjam à psicoterapia individual. Deve-se estar atento, nos casos em que a demanda advém do casal e da família, a garantir a não perpetuação desse funcionamento patológico do grupo. É necessário proporcionar crescimento por meio de mudanças nos lugares ocupados pelos membros da família, com o objetivo de se estabelecer um espaço novo, criativo, que gere transformações no legado familiar, já que dele não se pode furtar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ-FUSTIER, F.; AUBERTEL, F. A transmissão psíquica familiar pelo sofrimento. In: EIGUER, A. (ed.). *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. São Paulo: Unimarco Editora, 1998. p.129-179.

ALMEIDA, C. C.; COSTA, G. O.; GOMES, K. V. Segredos e conflitos familiares: um estudo de caso. *Vínculo*, v.1, n.6, p.88-102, 2009.

ALMEIDA, M. E. S. A força do legado transgeracional numa família. *Psicologia: Teoria e Prática*, v.10, n.2, p.215-230, 2008.

ALMEIDA, M. E. S. Uma proposta sobre a transgeracionalidade: o absoluto. *Ágora*, v.13, n.1, p.93-108, 2010.

BOX, S. Espaço para pensar sobre famílias. In: BOX, S. (ed.) *Psicoterapia com famílias: uma abordagem psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. p.17-26.

CORREA, O. B. R. Os segredos da família. In: RAMOS, M. (ed.). *Casal e família como paciente*. São Paulo: Editora Escuta, 1999. p.51-68.

CORREA, O. B. R. *O legado familiar: a tecelagem grupal da transmissão psíquica*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

CORREA, O. B. R. (ed.) *Grupo Familiar e Psicanálise: ressonâncias clínicas*. São Paulo: Vetor, 2007.

EIGUER, A. A parte maldita da herança. In: EIGUER, A. (ed.). *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. São Paulo: Unimarco Editora, 1998. p.21-84.

EIGUER, A. Por um Psicoanálisis familiar recreativo. *Psicoanálisis e intersubjetividad: familia, pareja, grupos e instituciones*, n. 1, 2006. Disponível em: <http://www.intersubjetividad.com.ar/web/site/articulo.asp?id=159&idd=1>, acessado em 01/11/2010.

FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Conquistando a herança: sobre o papel da transmissão psíquica familiar no processo de subjetivação. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (ed.). *Família e Casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005. p.24-32.

FIBE, M.; PAIVA, M. L. S. C.; GOMES, I. C. Família e conjugalidade: o sintoma dos filhos frente à imaturidade do casal parental. *Psicologia Clínica*, v.2, p.53-63, 2005.

GARCIA, C. A.; PENNA, C. M. P. A. O trabalho do negativo e a transmissão psíquica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.62, n.3, p.68-79, 2010.

GOMES, I. C. A avaliação psicológica infantil denunciando os conflitos do casal parental. *Psikhê*, v.8, p.09-13, 2003.

GOMES, I. C. *Uma Clínica Específica com Casais*: contribuições teóricas e técnicas. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2007.

GOMES, I. C.; ZANETTI, S. A. S. Transmissão psíquica geracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. *Psicologia USP*, v.20, n.1, p.93-108, 2009.

GOMES, I. C. *O sintoma da criança e a dinâmica do casal*. São Paulo: Zagodoni, 2011.

GRANJON, E. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In: CORREA, O.R. (ed.). *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta, 2000. p.17-43.

KAËS, R. Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In: EIGUER, A. (ed.). *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. São Paulo: Unimarco, 1998. p.5-19.

KAËS, R. *Transmissão da Vida Psíquica entre Gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. Transmissão psíquico-geracional na contemporaneidade. *Psicologia em Revista*, v.10, n.16, p.243-255, 2004.

MAGALHÃES, A. S. Conjugalidade e parentalidade na clínica com famílias. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (ed.). *Casal e Família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p.205-217.

RAMOS, M. Terapia familiar: o lugar do terapeuta. In: RAMOS, M. (ed.). *Terapia de casal e família: O lugar do terapeuta*. São Paulo: Brasiliense, 1992. p.43-60.

SAFRA, G. O uso de material clínico na pesquisa psicanalítica. In: SILVA, M. E. L. (org.). *Investigação e psicanálise*. Campinas: Papirus, 1993.

TRACHTENBERG, A. R. C. e col. *Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.